

Universidade Estadual Paulista
Faculdade Ciências e Letras
Departamento de Economia
Grupo de Estudos em Economia Industrial

Projeto de iniciação científica

As mudanças no padrão de comércio exterior brasileiro e seus vínculos com a estrutura produtiva: uma análise das mudanças ocorridas na década de 90.

Estudante: Wellington da Silva Pereira

Orientador: Prof. Dr. João Furtado

Araraquara, maio de 2001.

1. Introdução.

A década de 90 foi para o Brasil um período de intensas transformações. Na procura de uma renovação de sua inserção no contexto econômico mundial, a política comercial do país foi caracterizada pela abertura econômica, que recebeu elogios exacerbados de um lado e críticas severas de outro. Para muitos esta abertura era necessária e foi benéfica, para outros ela só contribuiu para abalar ainda mais o abismo que separa o Brasil do mundo mais desenvolvido.

Em 1994 a implantação do Plano Real juntamente com a sobrevalorização cambial propiciaram a estabilização econômica. Este contexto favoreceu um forte aumento das importações brasileiras. Muitos dos fatos ocorridos posteriormente fazem com que os suportes das críticas e/ou elogios referentes à abertura caiam por terra. O comércio de tecnologia foi um fator a chamar a atenção na década que passou. Apesar das importações de produtos com conteúdo tecnológico terem crescido, as exportações destes produtos também apresentaram aumentos muito significativos. Foram marcantes as importações brasileiras de produtos com menor valor agregado (produtos primários - matérias-primas), revelando nem sempre deficiências ou fragilidades competitivas setoriais, mas sim estratégias dos grandes oligopólios, que se aproveitaram das condições proporcionadas pelo cenário macroeconômico (DOMINGUES, 1999 e LUPATINI, 2000).

Este projeto de iniciação científica procura expor o debate a respeito do comércio exterior brasileiro e mostrar as características que o marcaram na década de 90. O objetivo é identificar as variações no padrão de comércio exterior brasileiro à luz das mudanças (abertura econômica iniciada em 1989 e estabilização iniciada em 1994) nos anos 90 e seus reflexos na estrutura produtiva do país.

2. Análise das Exportações e Importações no período entre 1970 e 1999.

Esta seção dedica-se a analisar as exportações e importações brasileiras entre 1989 e 1999, tentando esboçar as tendências do comércio no longo prazo, objetivando caracterizar um possível padrão de comércio brasileiro. Esta caracterização será feita através de análises a respeito das participações relativas, taxas de evolução e valor médio dos produtos que compõem as pautas de exportação e importação.

2.1 – Exportações.

As exportações brasileiras são habitualmente divididas em produtos básicos e produtos industrializados. Estes últimos são subdivididos em semimanufaturados e manufaturados. Um outro tipo de divisão contempla três grupos: um grupo referente ao Café,

outro a Demais Produtos e outro a Transações Especiais. O grupo “Demais Produtos” é subdividido em Produtos Primários e Produtos Industrializados.¹

Em 1970, os produtos básicos representavam a grande maioria da pauta exportadora brasileira (76%), contra somente 24% de participação de produtos industrializados. Em 1999, a maior fatia das exportações pertence aos produtos industrializados - 78%, cabendo aos produtos básicos a fatia de 22%. Constata-se, portanto, uma profunda mudança na pauta comercial, reflexo de transformações na estrutura produtiva.

Tabela 1

Produtos mais significativos nas exportações de 1970 e 1999 e suas correspondentes participações relativas.*					
		(%)			(%)
1970	Produtos Básicos (PB)	76	1999	Produtos Básicos (PB)	22
	Café	47**		Soja	21,2
	Minério de ferro	9		Minério de ferro e outros minérios	16,5
	Açúcar	6		Café	13,7
				Carne	10,8
				Açúcar	10,7
	Produtos Industrializados (PI)	24		Produtos Industrializados (PI)	78
	Demais manufaturados	16		Material de transporte e componentes	21,6
	Madeira serrada de pinho	11		Produtos metalúrgicos	16,7
	Aparelhos e instrumentos mecânicos	11		Outros	10,8
		Produtos químicos	11,4		
		Máquinas e instrumentos mecânicos	9,6		

* As participações relativas dos subitens das duas categorias (PB e PI) referem-se ao total (100%) de cada uma das categorias.

**Nas exportações totais a participação foi de 36%.

Fonte: Banco Central do Brasil. Elaboração própria – GEEIN.

O ano de 1980 marcará a inversão de posições, isto é, a participação dos produtos industrializados ultrapassa a participação dos produtos básicos na pauta exportadora, uma tendência que se mantém até o final do período (1999).

As taxas de evolução do comércio, de uma maneira geral, apresentam quedas do início do período de análise (1971), até o seu final (1999), fechando-se o ano de 1999 com taxas negativas. As maiores taxas de evolução foram apresentadas no período compreendido entre 1970 e 1975. Verifica-se um movimento decrescente nas taxas até 1985-90. Após esse período, estas taxas voltam a crescer².

Dentre os preços médios³ das exportações brasileiras⁴ do início do período até 1995, os produtos manufaturados sempre apresentaram os maiores valores, e os produtos básicos

¹ Fonte: Banco Central do Brasil

² Para o comércio do café, os únicos períodos em que as taxas foram positivas, são 1975-80 e 1990-95.

³ Preço médio é o valor médio referente a cada tonelada comercializada dos produtos (valor (US\$)/peso(toneladas)).

⁴ É necessário dizer que para 1999 não se obteve os dados necessários (volume) para o cálculo do preço médio, devido ao fato de que a base de dados utilizada ainda não foi atualizada.

os menores. Outra característica distintiva entre produtos básicos e industrializados é o fato de que os primeiros sempre apresentaram preços médios sem fortes diferenças (US\$0,06 a US\$0,09). Já os preços médios dos produtos industrializados são fortemente marcados por diferenças mais expressivas (US\$0,21 a US\$0,99). É claro portanto, que os preços médios das exportações dos produtos básicos são muito inferiores aos preços médios dos produtos industrializados. A partir de 1975 todos os preços médios dos produtos industrializados são superiores a US\$ 0,50, enquanto os preços dos produtos básicos não passam da casa dos 10 centavos de dólar.

2.2 - Importações⁵.

As importações brasileiras são habitualmente subdivididas em quatro tipos de produtos: bens de consumo, matérias-primas, combustíveis e lubrificantes e bens de capital⁶.

Os produtos matéria-prima e bens de capital apresentam padrão de comércio muito semelhante. Para esses dois grupos de produtos é possível estabelecer duas tendências em dois períodos distintos. Num primeiro período (1971-85), ambos os produtos apresentavam um movimento de queda em termos de participação na pauta comercial das importações. Num segundo período (1985-99), ambos apresentam uma tendência reversa, pois agora o movimento é de crescimento nas participações na pauta comercial.

Tabela 2

Produtos mais significativos nas importações de 1971 e 1999 e suas correspondentes participações relativas*.				
1970		(%)	1999	(%)
	(1) Bens de Consumo	11	(1) Bens de Consumo	13
	Alimentos	36,9	Alimentos	33
	Vestuário	3,6	Vestuário	7,9
	(2) Matérias-primas	39	(2) Matérias-primas	34
	Produtos químicos	31,9	Produtos químicos	53
	Ferro fundido e aço	20,1	Outras Matérias-primas	19,3
	Metais não ferrosos	11,4		
	(3) Combustíveis e Lubrificantes	12	(3) Combustíveis e Lubrificantes	10
	Petróleo e lubrificantes	86,7	Petróleo Bruto	45
	(4) Bens de Capital	38	(4) Bens de Capital	43
	Máquinas e Materiais elétricos	77,6	Máquinas e Materiais elétricos	78
	Material de transporte	22,3	Material de transporte	21,9

*As participações relativas dos subitens das quatro categorias (BC, MP, CL e BK) referem-se ao total de cada uma das categorias(100%).

Fonte: Banco Central do Brasil – elaboração própria – GEEIN.

⁵ A análise das importações inicia-se em 1971, devido ao fato de que a base de dados utilizada não disponibiliza tais dados para o ano de 1970.

⁶ Fonte: Banco Central do Brasil

É importante ressaltar que as importações de matérias-primas sempre foram razoavelmente elevadas e, até 1995, tais importações foram maiores que as de bens de capital. Já as importações de bens de consumo (também até 1995) apresentaram as menores participações nas importações.

As taxas de evolução das importações mostraram para todas as categorias um movimento oscilatório. Todos os produtos terminam o período (1999) com taxas de evolução bem menores em relação ao início do período de análise (1971). Os bens de consumo e bens de capital apresentaram as maiores taxas no período de 1990-95, respectivamente 21,26% e 27,51%.

Os preços médios revelaram que dentre as importações brasileiras em todo o período de análise, a categoria de bens de capital sempre apresentou os maiores valores, enquanto os menores sempre foram apresentados pelos combustíveis e lubrificantes. O perfil comercial em termos de preços médios das importações é o mesmo do início (1971) ao fim do período (1995), isto é, o posicionamento (*ranking*) de cada um dos quatro tipos de produtos da pauta se manteve inalterado.

Dentre as quatro categorias, poderíamos estabelecer dois grupos, pois, há uma pequena diferença em termos de preço médio entre bens de consumo e bens de capital e também entre as categorias matérias-primas e combustíveis/lubrificantes. O movimento de importação em relação aos preços médios aparenta ser homogêneo. Com exceção para o período compreendido entre 1971-80, a categoria de combustíveis/lubrificantes quando apresentou um salto crescente mais expressivo, passando de um preço médio de US\$0,01 em 1971 para US\$0,20 em 1980. Caso peculiar é o dos bens de capital que em 1990 apresentaram elevado preço médio (US\$22,86), superior a todos os demais anos.

3. O debate sobre o comércio exterior brasileiro.

Nos últimos anos, um forte debate a respeito das mudanças na estrutura econômica do país levantou críticas e elogios à abertura e aos seus efeitos. Fatores como a abertura da economia a investimentos estrangeiros, processos de aquisições e/ou fusões, política cambial, etc., atuaram diretamente no funcionamento da balança comercial brasileira, tanto via importações como via exportações.

Principalmente a partir de 1990, com a abertura da economia e a com a posterior estabilização econômica 1994, foi estabelecido um confronto entre uma visão mais otimista e uma visão pessimista sobre as vantagens e desvantagens a respeito da atuação governamental no âmbito econômico do país.

3.1 - O contraste de visões: Os otimistas.

Os autores da corrente otimista procuraram defender a idéia de que “ a globalização, aqui entendida como a revolução tecnológica, financeira e comercial pela qual vem passando a economia internacional, de certa forma impõe a abertura da economia”(Mendonça e Goldenstein, 1997b). De uma maneira geral essa visão tenta mostrar que os investimentos verificados são de boa qualidade, isto é, de grande importância para o crescimento do país e, portanto, de interesse nacional. Esta corrente defende que mesmo os investimentos em setores produtores de bens não comercializáveis (infraestrutura, por exemplo) acarretam impactos futuros de grande dimensão, o que resultou em aumento das exportações. Esta visão critica a outra por só observar os impactos dos efeitos econômicos no curto prazo, mas admite que a curto prazo os investimentos possam prejudicar o desempenho da balança comercial. Assim, a tecnologia incorporada à produção de alguns produtos ajudará a aumentar a competitividade ao longo da cadeia produtiva e, provavelmente, até exportar.

Esta visão acredita ainda que com o processo de reestruturação microeconômica, a prática do “*outsourcing*” se torna impossível, pois cada vez mais a prática do “*just-in-time*” é consolidada e que este último contribui de forma muito significativa para o crescimento econômico do país. Entretanto concordam que num primeiro momento o volume de importações que isso acarreta é muito superior o de exportações.

Os otimistas fazem questão de frisar que os “componentes cuja produção foi totalmente externalizada após a abertura da economia, voltam a atrair investimentos, não mais de indústrias ineficientes, protegidas pelo fechamento da economia, mas de grandes produtores internacionais”(Goldenstein & Mendonça, 1997). Há um forte interesse em mostrar que a economia brasileira ganha com tal fato apesar de num primeiro tempo a balança comercial ser prejudicada. Porém num segundo momento não se precisará importar todo tipo de bem e a partir de então, o país começa a tirar proveito da situação podendo chegar até mesmo numa situação de exportador de produtos antes importados.

Entretanto para os para setores de atividade intensiva em tecnologia, entre eles, bens de capital, as coisas são diferentes. “Quanto aos setores de bens de capital e de tecnologia de ponta, o passo inicial e fundamental para compreendê-los é conseguir nos situar entre os defensores da velha política industrial iniciada nos anos 50 e cujo ápice foi o II PND nos anos 70, quando achava-se que internacionalizaríamos e controlaríamos toda a matriz industrial, e os defensores do *laissez-faire* total, que não acreditam que exista algum espaço de atuação governamental em qualquer setor da economia”(Goldenstein & Mendonça,1997b).

Moreira (1999) defende que a abertura provocou mudanças positivas e os aspectos negativos que ainda se apresentam na estrutura econômica do país são vestígios do antigo sistema de “substituição de importações” da década de 70. No tocante às empresas estrangeiras

que atuam no mercado brasileiro, há uma forte defesa do argumento de que elas proporcionariam vantagens à economia local pelo fato de reestabelecerem as ligações com o comércio mundial, proporcionando uma eliminação do viés anti-exportação. Além disso, sustenta que com a vinda de empresas estrangeiras, as exportações brasileiras se beneficiariam de facilidades de acesso à tecnologia (Moreira, 1999).

3.2 – O contraste de visões: Os críticos.

Após a abertura comercial e estabilização houve um processo de desinflação graças, em parte, à entrada em massa de importados. Após a sobrevalorização da moeda em 1994, as taxas de evolução das importações mais que dobraram, enquanto as exportações caíram (Coutinho, 1997). Isto conduziu à desindustrialização de alguns setores e à desnacionalização de frações da indústria brasileira. Em termos de competitividade a indústria brasileira é muito fraca principalmente nas áreas de produção de bens de alto valor agregado e, especialmente, de sofisticado conteúdo tecnológico.

Tabela 3

Desempenho do Comércio Exterior

(taxas geométricas de crescimento anual em %)

	1990-94	1994-96
Exportações	8,5	4,7
Básicos	6,1	5,0
Industrializados	6,8	4,4
Semifaturados	7,7	10,1
Manufaturados	10,1	2,8
Operações Especiais	3,7	13,7
Importações	12,4	27,1
Matérias- primas/ ntermediários	18,8	34,9
Bens de Consumo	18,8	35,2
Combustíveis e Lubrificantes	-6,0	19,8
Bens de Capital	14,9	13,9

Fonte: “A especialização regressiva: um balanço do desempenho industrial pós-estabilização”, Coutinho, 1997. Com base nos dados da Secex.

A partir da tabela acima, notamos que de um período (1990-94) para outro (1994-96) houve uma queda de quase 100% no ritmo das exportações, enquanto as importações tiveram um aumento superior a 100% (de 12,4 para 27,1). Os críticos defendem que a apreciação cambial não contribuiu para superar a balança comercial, tal como era esperado pelos otimistas, a partir dos efeitos modernizadores. Os investimentos estrangeiros no país, em grande parte, não foram dirigidos para setores exportadores, mas para o mercado interno em expansão. Deste

modo, estes investimentos não contribuem para o aumento das exportações brasileiras, mas, na maior parte dos casos, para a elevação do coeficiente de importação do país (Coutinho, 1997).

Para esta visão, os investimentos estrangeiros não geram previsões positivas na redução do déficit comercial, e, no melhor dos casos, os resultados podem ser modestos. “Apenas nos setores tipicamente domésticos, não afetados pelo comércio internacional ou nos setores produtores de *commodities*, de grande escala de produção, onde a competitividade brasileira ainda é muito forte, o estrago não tem sido violento” (Coutinho, 1997).

Coutinho (1997) defende a tese da especialização regressiva, como a “opção feita pelos investidores estrangeiros e consentida pelos gestores de política econômica interna”. O capital internacional não tem interesse em investir em complexos industriais mais sofisticados, com grau mais elevado de agregação de valor e maior dinamismo tecnológico, provocando um retrocesso inegável em tais setores industriais. Este conceito sugere que os investimentos se concentram na produção de produtos de baixo valor agregado e tecnológico e de “*commodities*”. Em decorrência, o país só exportaria produtos de baixo valor agregado e importaria produtos com maior conteúdo tecnológico (maior valor agregado), não havendo previsão de mudanças desta situação no futuro. Na verdade a expectativa é de que essa especialização regressiva se intensifique.

As estatísticas mostram que apesar do crescimento da produtividade industrial (maior que a agrícola), os produtos agrícolas brasileiros apresentaram um aumento de competitividade internacional ao longo dos anos 90. Quanto à participação dos produtos manufaturados nas exportações, verifica-se um aumento na primeira metade da década de 90, mas uma queda ao longo da segunda metade. Esses indicadores confirmam um argumento de “reprimarização” do padrão de comércio internacional brasileiro (Gonçalves, 2000). A partir desse conceito surge a idéia de “reversão de tendência” (Gonçalves, 2000), isto é, a longo prazo esperava-se um desempenho favorável dos produtos manufaturados e semimanufaturados exportados pelo Brasil. A taxa anual de crescimento de longo prazo do valor das exportações desses dois grupos, era de 6,26% e 9,62%, respectivamente, enquanto as taxas correspondentes para produtos básicos e o total das exportações eram de 2,49% e 5,48%. Assim, os dados indicam que a reprimarização da segunda metade dos anos 90 parece ser uma reversão de tendência de longo prazo, isto é, o que se esperava não ocorreu.

Quanto ao novo ciclo de investimento pelo qual o país está passando, há um interesse em mostrar que ele contribui para internacionalizar cada vez mais a indústria brasileira. Na balança comercial é observável a crescente a contribuição direta ou indireta das empresas estrangeiras nos maiores fluxos de importação e, ao contrário, um esforço exportador relativamente menor nos períodos de retorno da demanda interna (Laplaine & Sarti, 1997). Assim

o foco da atenção do capital estrangeiro é o mercado interno, verificando pouco interesse quanto ao mercado externo.

“Em que pese a perda de dinamismo das exportações, expressa na deterioração da pauta e na substituição de mercados mais competitivos e dinâmicos por mercados regionais, as exportações brasileiras têm acompanhado nos anos 90 o crescimento do mercado mundial. É também verdade que houve algumas tendências negativas do desempenho das exportações de manufaturados (crescimento de 12,4%) *vis-à-vis* as de semifaturados e de produtos básicos (59,2% e 30,0%, respectivamente) no período 1994/96, mas estes últimos foram favorecidos pelos bons preços internacionais de algumas *commodities*. Ainda assim, a geração dos déficits comerciais deve ser atribuída basicamente à evolução dos importados e apenas em menor medida ao desempenho das exportações” (Laplane & Sarti, 1997).

4. Balança Comercial e Comércio de Produtos com Conteúdo Tecnológico.

Um estudo recente⁷ analisou o comércio internacional de bens com diferentes níveis de conteúdo tecnológicos do Brasil e São Paulo, para os anos de 1989 e 1999, utilizando dados primários da Secretaria de Comércio Exterior (Secex). A metodologia desse estudo consistiu em agrupar 12 categorias da metodologia CTP (*commodity trade pattern*), em outras 3 categorias - alta tecnologia, média tecnologia e baixa tecnologia - usando para isso um *ranking* de valores médios para as exportações de 1999. Quanto às origens e destinos dos fluxos comerciais, um grupo de 10 blocos de países⁸ foram agrupados em outros 2 grupos - Países Desenvolvidos (PD) e Países em Desenvolvimento (PED).

Segundo este estudo, tanto para o Brasil como para São Paulo, as exportações de 1989 de produtos intensivos em escala apareciam em primeiro lugar na pauta. Já em 1999, observou-se uma grande evolução das exportações referentes à categoria de produtos de alta intensidade tecnológica, devido à participação paulista, principalmente com produtos intensivos em P&D.

Em relação às importações, este estudo verificou que em 1989 os produtos primários energéticos correspondiam a uma grande fatia da pauta, indicando que a forte concentração das importações nesses produtos provinha de insuficiência no abastecimento do próprio mercado interno. Nestes produtos, o Oriente Médio contribuía com a maior fatia. Já em 1999 tais

⁷ “Balança de Pagamentos Tecnológicos” in Indicadores de Ciência e Tecnologia. Org. Sandra Brizola. 2001, no prelo.

⁸ Esses 10 blocos são constituídos por: União Européia, Nafta, Mercosul, América Latina e Caribe, NIC's, Restante da Europa, Restante da Ásia, África, Japão e Oriente Médio. Esta metodologia foi desenvolvida a partir de “Impactos dinâmicos das relações entre as filiais brasileiras e suas respectivas redes corporativas: Um estudo a partir de evidências das indústrias alimentícia, automobilística e eletrônica. Relatório final de iniciação científica apresentado à Fapesp, Campinas, 1999.

importações foram muito reduzidas, contudo os produtos de maior conteúdo tecnológico e os intensivos em escala apresentam um aumento em sua participação na pauta.

Verificou-se que o padrão de importação de 1989 e 1999 é semelhante tanto para São Paulo como para os outros estados. Mas a evolução das importações paulistas de produtos de alta tecnologia foi muito intensa, sendo que a maioria das importações desse comércio provinham da União Européia e Nafta. A análise permitiu verificar a forte importância do estado de São Paulo no comércio internacional brasileiro e o seu acentuado dinamismo no que concerne aos produtos que incorporam mais tecnologia.

A balança comercial brasileira em 1989 apresentava superávits graças às exportações de produtos de média tecnologia, enquanto em 1999 as altas importações de produtos com elevado conteúdo tecnológico resultou em déficit comercial. No ano de 1989, as únicas categorias a apresentar déficits foram os produtos primários energéticos – petróleo – e os produtos de maior conteúdo tecnológico. Em 1999, o saldo brasileiro dos produtos primários energéticos permaneceu negativo (embora em menor magnitude), enquanto cresceram os déficits dos produtos de maior tecnologia incorporada e surgiram déficits para os produtos intensivos em recursos minerais (cobre, chapas de alumínio) e intensivos em recursos energéticos (derivados, incluindo gasolina, óleo combustível, nafta). Em 10 anos, as importações tiveram um aumento superior a 100%, enquanto as exportações tiveram um aumento em torno de 40%. As importações dos produtos de alta tecnologia aumentaram em muito sua participação de 1989 (30% da pauta) para 1999 (43% da pauta), maior que o crescimento da exportação. Praticamente o mesmo aumento foi verificado para a pauta do estado de São Paulo, pois a importação de produtos de alta tecnologia correspondia a 36% da pauta em 1989 passando a ocupar 50% em 1999.

O item mais volumoso de comércio exterior brasileiro de produtos com conteúdo tecnológico engloba os aviões. Este item responde, sozinho, por quase 1/5 do comércio total e compensa, sozinho, a metade do déficit comercial de produtos tecnológicos em 1989⁹.

A análise da origem/destino dos fluxos comerciais puderam mostrar evidências muito significativas. Em 1989, o foco principal das exportações brasileiras foram produtos de média tecnologia para países em desenvolvimento e países desenvolvidos. Em 1999 observou-se que apesar da supremacia das exportações de produtos de média tecnologia para países em desenvolvimento, os produtos de alta tecnologia tiveram um maior peso no comércio. Quanto às importações, o estudo mostrou que em 1989, o Brasil dependia muito da importação de produtos de alta intensidade tecnológica provenientes dos países desenvolvidos (90% do total importado

⁹ Vide anexo com os grupos de produtos que tiveram as maiores participações nos fluxos comerciais de produtos com conteúdo tecnológico de 1989 e 1999.

de tais produtos), e 84% das importações de produtos de baixa tecnologia eram provenientes de países em desenvolvimento, sendo que essa dependência de produtos de alta tecnologia reforça-se em 1999 a favor dos países desenvolvidos. Nesse quadro, as importações do Brasil e São Paulo são muito parecidas em termos de procedência.

Enfim o estudo mostrou indícios da posição brasileira no contexto do comércio mundial. Apesar do crescente aumento das importações, o aumento das exportações de produtos de alta tecnologia foi muito expressivo. E, evidenciou também o importante papel que São Paulo assumiu no contexto do comércio brasileiro de produtos de alta tecnologia.

5. Objetivos.

A economia brasileira comprovadamente passou por intensas mudanças na década de 90. A abertura comercial juntamente com a implantação do Plano Real foram fatores que proporcionaram muitas transformações.

O objetivo deste projeto é identificar as variações no padrão de comércio exterior brasileiro à luz das mudanças ocorridas nos anos 90 e seus reflexos na estrutura produtiva do país. No contexto das transformações (abertura e estabilização) o comércio de produtos com conteúdo tecnológico ganha força muito expressiva, envolvendo volumes e proporções que acarretam persistentes e elevados déficits na balança comercial brasileira.

No âmbito deste trabalho, situar o papel do Brasil dentro do contexto do comércio mundial, a partir das mudanças ocorridas tem grande importância. Neste cenário o setor industrial ocupa papel fundamental, principalmente no comércio de bens com conteúdo tecnológico. Através da análise do comércio destes produtos, importantes colocações poderão ser feitas a respeito do papel representado pelo Brasil no conjunto do comércio mundial.

Uma parte essencial do trabalho refere-se a verificação de duas hipóteses interrelacionadas. A primeira é de que as mudanças no padrão de comércio exterior e na forma de inserção internacional são fortes indícios de transformações ocorridas na estrutura produtiva durante a década de 90. Num primeiro momento (tendo como marco o ano de 1989), um mercado cada vez mais competitivo impulsionou a economia brasileira a seguir, ainda que com pouco sucesso, o andamento do contexto internacional. Neste sentido, o padrão de comércio e a forma de inserção internacional agiram seguindo uma tendência de âmbito mundial, refletindo as transformações que ocorreram. A segunda hipótese diz respeito ao fato de que após as referidas mudanças, o novo contexto econômico proporcionou uma visualização mais clara da estrutura produtiva do país, observável através do padrão do comércio. Num segundo momento, após as mudanças (principalmente abertura econômica de 1989), uma “cortina” que cobria a estrutura produtiva foi retirada, revelando onde estavam (ou onde ainda estão) as fragilidades no âmbito

do comércio exterior brasileiro. O padrão de comércio é uma lente que proporciona ver tais aspectos na estrutura produtiva de um país. Através dele podem ser feitas conclusões claras sobre o padrão produtivo.

Através da leitura de textos sobre comércio internacional, organização industrial e economia brasileira recente e com a análise de dados de comércio exterior brasileiro, contrapor-se-á, o debate que se instalou não só no ambiente acadêmico, mas no interior do próprio governo.

Cabe ressaltar que a postura a ser adotada no desenvolvimento deste trabalho é que nenhuma das “ visões” (otimista ou crítica) esgota por completo a realidade, que fornece evidências de apoio a ambas. Estas visões apresentam falhas, principalmente, pelo fato de seguir, apesar de fatos óbvios, uma linha única de argumentação.

Assim o desenvolvimento do projeto proporcionará através da análise das mudanças no padrão de comércio exterior brasileiro, com foco principal na atividade industrial, uma visualização mais clara dos efeitos causados pelas mudanças ocorridas nos anos 90 na estrutura produtiva do país.

6. Plano de Trabalho e Procedimentos Metodológicos

Para realizar os objetivos propostos na seção anterior, este projeto de iniciação científica propõe o plano de trabalho descrito a seguir:

1. Revisão bibliográfica orientada a identificar claramente as interpretações sobre as mudanças no padrão de comércio brasileiro correlacionadas às questões centrais do projeto:
 - mudanças na estrutura produtiva, relacionando a abertura comercial e o comércio internacional;
 - contexto nacional da estabilização no âmbito da globalização;
 - natureza e características dos fluxos comerciais brasileiros e a inserção internacional respectiva;
 - exame de setores, a serem selecionados, para complementação da análise (vide item 2).

2. Estudo empírico com uma variada gama de produtos da pauta comercial, procurando verificar as mudanças ocorridas e relacioná-las com as possíveis causas apontadas pela literatura pertinente, examinada no item 1 (um) desta seção:

- O estudo se restringirá a analisar o período compreendido entre os anos de 1989 e 1999, com ênfase nos anos extremos;
 - A análise de dados empíricos será feita a partir de dados fornecidos pela SECEX(Secretaria de Comércio Exterior) e IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística);
 - O ponto de partida será a análise de uma variada gama de produtos dos setores industriais, isto é, procurar-se-á analisar o desempenho comercial dos produtos para identificar os casos de variação mais expressivas.
 - Seleção de 6 setores exemplares com base em sua participação na pauta comercial brasileira. Inicialmente objetiva-se selecionar um conjunto de setores (3) com forte representatividade nas exportações e outro conjunto (3) representativo nas importações. A escolha dos três setores (para cada conjunto) será feita com base na metodologia exposta na página – um setor com uma dimensão tecnológica determinante (alta tecnologia), um setor de nível tecnológico intermediário (média tecnologia) e um com nível tecnológico reduzido (baixa tecnologia).
3. Utilização de periódicos e jornais especializados em economia com o objetivo de obter informações que apoiem o desenvolvimento do estudo. A análise será de extrema importância para as questões referentes às mudanças na estrutura produtiva do país. A busca de informações referentes a tal problemática será feita através da coleta de informações extraídas das reportagens de jornais tais como Gazeta Mercantil e Valor Econômico, ambos com assinatura contratadas pelo GEEIN.
 4. Destaque ao papel do comércio exterior de produtos com conteúdo tecnológico:
 - Através da análise do comércio exterior da gama de produtos com conteúdo tecnológico contemplada pela balança comercial brasileira, seja no âmbito das exportações como das importações, poder-se-á obter “sinais” que nos permitam especificar a situação brasileira dentro do contexto econômico mundial. O comércio de produtos com conteúdo tecnológico é um fator que se tornou muito importante na caracterização comercial de um país.
 5. Verificação de duas hipóteses fundamentais:

- (a) Primeira hipótese: as mudanças no padrão de comércio exterior e na forma de inserção internacional tomadas como sintomas das mudanças ocorridas na década de 90 surgem a partir da idéia de que um ambiente cada vez mais competitivo impunha um acompanhamento de tendências internacionais – liberalização comercial – pela política econômica. Assim tanto a forma de inserção internacional como as mudanças no padrão de comércio mostram ser sintomas do fatos ocorridos. Esta hipótese poderá ser verificada através da análise de fluxos comerciais, que será de grande valia em tal verificação, assim como a leitura do debate estabelecido.
 - (b) Segunda hipótese: As mudanças na década de 90 possibilitam uma visualização mais clara das transformações ocorridas na estrutura produtiva do país, revelada através das fragilidades no âmbito do comércio exterior – a análise remete ao item 3 desta seção. Através da coleta de informações que possibilitem caracterizar mudanças na estrutura produtiva do país, a partir dos acontecimentos verificados na década de 90, poder-se-á traçar um panorama do novo cenário.
6. Elaboração de relatórios científicos versando sobre os resultados parciais e definitivos refletindo a análise das informações compiladas e os progressos alcançados.

7 - Plano de Trabalho e Cronograma de Execução

Esta bolsa de iniciação científica dá continuidade a diversas atividades desenvolvidas no âmbito do projeto de pesquisa ora em desenvolvimento no Grupo de Estudos em Economia Industrial (GEEIN/Departamento de Economia/UNESP), ao mesmo tempo em que procura desdobrar os resultados alcançados pelos projetos de iniciação científica anteriores, explorando novos aspectos temáticos. No cronograma de execução considera-se um período de trabalho correspondendo a 80 horas mensais distribuídas de forma a buscar atingir os objetivos do projeto.

Tabela 4

Atividade	Descrição sucinta da atividade
1.Revisão Bibliográfica	Bibliografia sobre comércio internacional, economia industrial e economia brasileira recente, com o intuito de interpretar as mudanças do padrão de comércio brasileiro na década de 90.
2.Estudo do instrumental estatístico SPSS	Instrumental – manipular a base de dados da SECEX.
3.Seleção de setores de estudo	Seleção de setores de estudo com o intuito de comparar em que setores a tecnologia é a essência e onde ela é menos relevante, tanto para exportações quanto para importações.
4.Análise da variada gama de produtos comercializada pelos setores selecionados	Procurar-se-á identificar as principais variações ocorridas dentro da variada gama de produto da pauta comercial.
5.Utilização de periódicos e jornais especializados em economia com o objetivo de obter informações que apoiem o desenvolvimento do estudo	A busca de informações referentes a tal problemática será feita através da coleta de informações extraídas das reportagens de jornais tais como Gazeta Mercantil e Valor Econômico.
6.Análise do comércio de produtos com conteúdo tecnológico	Através da análise do comércio de tais produtos poder-se-á obter sinais da situação brasileira dentro do contexto econômico mundial
7.Verificação de hipóteses	O conjunto de análises propostas na metodologia permitirá checar as duas hipóteses propostas.
8.Elaboração de seminário de pesquisa	Atividade concebida como preparatória do Relatório de atividades.
9.Participação em seminário de pesquisa	Seminários regulares do GEEIN, com vistas à análise e discussão das questões das pesquisas em curso e, eventualmente, participações em Congresso de Iniciação Científicas.
10.Elaboração de relatório científico	Relatório semestral e relatório final.

Tabela 5

ATIVIDADES	Meses												TOTAL
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	
Revisão bibliográfica selecionada	20	10	10	10	10		20	20	10	10	15		135
Estudo do instrumental estatístico SPSS	20	20	15	15					10	10			90
Seleção de setores de estudo	20	20											40
Análise da variada gama de produtos comercializada pelos setores selecionados			15	20	25	20						20	100
Utilização de periódicos e jornais especializados	20	20	30	25	25	20	20	20					180
Análise do comércio de produtos com conteúdo tecnológico							30	20	25	25	20	10	130
Verificação de hipóteses							10	20	25	25	15	10	105
Elaboração e participação em seminário de pesquisa		10	10	10					10	10	10		60
Elaboração de relatório científico					20	40					20	40	120
TOTAL	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	960

8 - Referências Bibliográficas:

BRISOLLA, S. “Balança de Pagamentos Tecnológicos”, in Indicadores de Ciências e Tecnologia. FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 2001, no prelo.

CASTRO, A. B., “A indústria brasileira às vésperas da desvalorização: o crescimento fácil e a inflexão possível”, in XI Fórum Nacional, Rio de Janeiro, 1999.

CHESNAIS, F. *A mundialização do capital*, São Paulo: Xamã, 1996.

COUTINHO, L., “A especialização regressiva: um balanço do desempenho industrial pós-estabilização”, in Velloso, J.P.R. (org.), *Brasil: Desafios de um País em Transformação*, Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1997.

DOMINGUES, S. A. “O Comércio Intrafirma de produtos primários na balança comercial brasileira: uma análise centrada da exportação de produtos agroindustriais nos anos de 1989 e 1997”. *II Relatório à Fapesp*. Araraquara, 1999, mimeo.

GONÇALVES, R. O Brasil e o Comércio Internacional: transformações perspectivas. São Paul, Ed. Contexto, 2000.

LAPLANE, M; SARTI, F., “Investimento Direto Estrangeiro a retomado do crescimento sustentado nos anos 90”, in: *Economia e Sociedade* (8), p. 143-81, Campinas, jun. 1997.

LUPATINI, M. P. “Fluxo de investimentos e a reinserção do Brasil no mercado internacional: uma análise com base nos produtos agroindustriais”. *II Relatório à Fapesp*. Araraquara, 2000, mimeo.

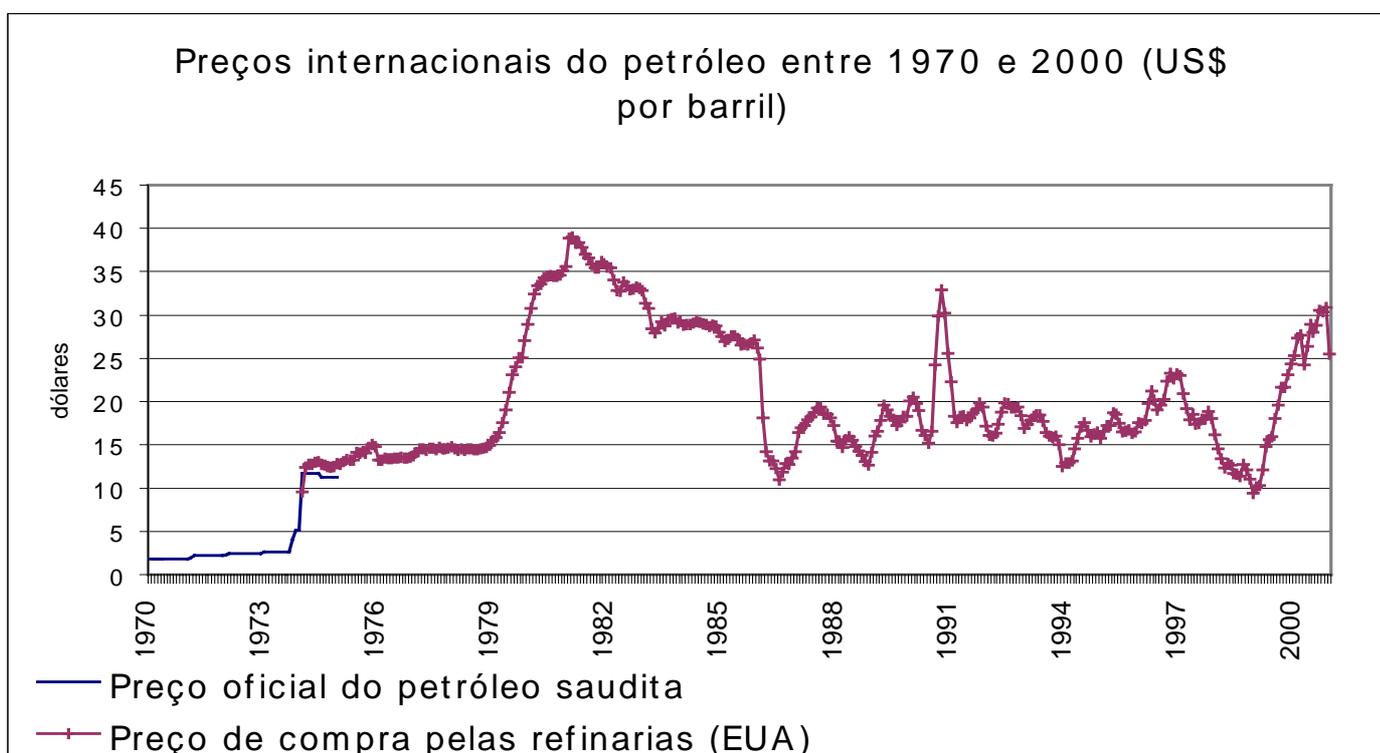
MENDONÇA DE BARROS, J.R; GOLDENSTEIN, L., “Reestruturação Industrial: três anos de debate”, in: Velloso, J.P.R.(org.), *Brasil: Desafios de um País em Transformação*, Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1997.

_____ . “Avaliação do Processo de Reestruturação Industrial Brasileiro”, in *Revista de Economia Política*, vol. 17. Nº 2, 1997b.

MOREIRA, M. M., *Estrangeiros em uma Economia Aberta: impactos recentes sobre produtividade, concentração e comércio exterior*, Texto para discussão BNDES/DEPEC Nº 67, março de 1999.

ANEXO

Preços Internacionais do Petróleo.



Fonte: Departamento de Energia dos Estados Unidos.

Grupos de produtos que tiveram as maiores participações nos fluxos comerciais de produtos com conteúdo tecnológico de 1989 e 1999					
1989	NCM	Produtos	1999	NCM	Produtos
	8802	Outros veículos aéreos		8802	Outros veículos aéreos
	8542	Circuitos integr.microjuntos eletrônicos		3004	Medicamentos constituídos
	8803	Parte dos veículos e aparelhos aéreos		8542	Circuitos integrados e microconjuntos eletrônicos
	3206	Outras matérias corantes		8517	Aparelhos elétricos para telefonia
	8522	Partes de aparelhos videofônicos		8525	Aparelhos transmissores
	8540	Lâmpadas, tubos e válvulas eletrônicas		8529	Partes/receptores de TV
	3703	Papéis, cartões, sensibilizados			
	3824	Aglutinantes para moldes			

Fonte: “Balança de Pagamentos Tecnológicos”, in Indicadores de Ciência e Tecnologia. Org. Sandra Brizola. 2001– elaboração própria – GEEIN.